

NAS ENTRELINHAS DE UM DEFEITO DE COR: DESVIO, DISCURSOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS

Marcelo Cruz Dalcom Junior¹
Lícia Soares de Souza²
Universidade do Estado da Bahia

INTRODUÇÃO

Segundo o poeta e advogado negro, Luiz Gama (1830-1882), "Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga, sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade."³ A definição de defeito, no dicionário, pode ser encontrada como imperfeição física ou moral, uma deformidade. São Tomás de Aquino definiu defeito como pecado e criou as concepções dos pecados capitais, ou os defeitos dos seres humanos. A mitologia greco-romana está repleta de deuses com defeitos e tentações. Para a filosofia, ter defeito é não ter virtude. Já a estética o vê como incompletude. A antropologia, como ato etnocêntrico e a psicologia, como ato desequilibrado.

O romance histórico "Um defeito de cor" (2010) é o resultado de uma longa pesquisa da autora Ana Maria Gonçalves para poder reconstituir a história de vida da personagem Kehinde⁴ em um tom memorialista. Kehinde pode ser Luísa Mahin ou Luísa Gama, a suposta mãe do poeta citado no início. O romance possui uma bibliografia que contém, além das obras históricas e antropológicas, romances que inspiraram a sua construção. Recebeu prestigioso prêmio Casa de las Américas, escolhido entre 212 concorrentes, em decisão unânime dos jurados.

Kehinde, uma senhora africana, letrada e cega, à beira da morte, viaja da África para o Brasil em busca do filho perdido há muito tempo. Ao longo da travessia, conta sua vida, desde a sua captura em Daomé (atual Benin), pontuada por mortes, estupros e escravidão. Narrado de modo envolvente e pungente, o romance insere, no cotidiano e na vida dos personagens, fatos históricos como a Revolução Malê, uma rebelião coordenada

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade do Estado Bahia (UNEB).

² Orientadora.

³ (Gama, 2008, apud Figueiredo, 2011, p. 277)

⁴ FIGUEIREDO, Eurídice. Kehinde. In: SOUZA, Lícia Soares de (ORG.) Dicionário de Personagens Afrobrasileiros. Salvador: Quarteto Editora, 2009. p. 180.

por escravos mulçumanos na Bahia, em 1835. É a partir da personagem narradora, que a autora relembra o período da escravidão brasileira, dando vida a uma personagem que, apesar de todas as atribuições da vida, não se coloca como vítima, mas como uma batalhadora que acredita no sucesso, como muitos outros personagens, fictícios ou não.

A presente pesquisa visa realizar uma análise do referido romance sob a luz das teorias formuladas por Linda Hutcheon (1991), que como Valter Benjamin (1993), Carlos Alexandre Baumgarten (2000) e Antônio Esteves (2010), articula historicamente o passado e a história, não exatamente como aconteceu, mas estabelece um vínculo entre passado e presente em forma de constelação. É fundamental observar o modo como as vozes do negro e da mulher questionam e reconfiguram os mitos fundacionais brasileiros. Ao dar a voz a uma escrava, a autora realiza uma Metaficção Historiográfica e problematiza os limites entre ficção e realidade, trazendo, para o centro das discussões, diversas temáticas, dentre as quais se destacam: a presença das outras vozes da história, a dos vencidos, a noção de fonte histórica e a parcialidade do sujeito que escreve a narrativa histórica.

Assim, Um defeito de cor (2010) desafia o leitor a repensar o presente à luz desse redimensionamento do passado. A noção de desexílio, preconizada por Mário Benedetti (1984), será utilizada como aporte teórico. Esta experiência de retorno à terra natal tem, como pano de fundo, as lembranças, memórias e referências pessoais e coletivas. Sob os conceitos de Édouard Glissant de Déplacement e Détour (1981), mesmo distante, Kehinde não nega suas origens, e volta à sua terra natal. Ela busca manter a integridade de sua cultura. Ao se opor às representações oficiais e muitas vezes eurocêntricas da história, narrando do ponto de vista dos vencidos, Gonçalves trilha um caminho percorrido por inúmeras narrativas latino-americanas.

24 A 26 DE OUTUBRO 2010 "A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada"⁵

Romance Histórico e Metaficção Historiográfica

O Romance Histórico surge como um subgênero narrativo no início do século XIX, e tinha como característica a reconstrução dos costumes, da fala e das instituições do passado, utilizando-se de enredo fictício e a mistura de personagens históricos e de ficção. Além de integrar o elenco das grandes narrativas de consolidação do sentimento

⁵ Provérbio Africano

nacional e, ao mesmo tempo, o sentimento de legitimação do impulso universalizante do Ocidente.

No final do século passado, uma atmosfera de acontecimentos, transformações sociais, políticas e econômicas ocorreram na Europa, fazendo com que o homem comum, as massas populares se sentissem fazendo parte de um processo de mudanças cujas consequências incidiram diretamente sobre a vida de cada um deles. Na França, esse sentimento nacionalista só começa a aparecer após as revoluções burguesas e da dominação napoleônica. Na Inglaterra, esse sentimento começa a surgir a partir das enormes transformações políticas e sociais. Na Alemanha e nos outros países da Europa também não foi diferente.

Na América Latina, esse sentimento nacionalista só surge no século XIX, com a necessidade de uma literatura de fundação, de narrativas que buscavam inventar uma tradição. No começo, esse sentimento era importado da Europa, e essa ilusão de uma tradição entrava em choque com as experiências vividas num passado relativamente recente. As colônias na América ainda não tinham uma história do passado para contar. E para o Romance Histórico, a questão da temporalidade presente-passado-futuro é muito importante. Para Benjamin (1987, p.22), articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato ele foi, é estabelecer um vínculo entre passado e presente. Mas nem por isso abandona o projeto de despertar no passado as vozes silenciadas e fazer eco de sentido às lacunas deixadas pela História Oficial.

O Romance Histórico busca reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pelos colonizadores, buscando fazer uma releitura da história, fugindo do discurso histórico oficial. Não se trabalha mais com o tempo retilíneo, agora são várias concepções de tempo. Agora não se conta a história dos vencedores. Agora é uma anti-história. Em cada país, o Romance Histórico se desenvolveu buscando características próprias, favorecendo as culturas periféricas. Buscou-se uma releitura do passado, fazendo uma crítica à modernização excludente que vitimizou as colônias. Na América Latina, surge o Romance Histórico de resistência, que buscou preencher os vazios da história oficial, suas falácias. Uma luta contra o esquecimento.

No Brasil, foi um dos principais meios encontrados pelos escritores românticos para a reinterpretação nacionalista de fatos e personagens da nossa história, numa revalorização e idealização de nosso passado. O grande impasse a tudo isso foram os traumas da conquista ibérica e a criação de imagens que nos aproximassem do modelo de civilização europeia; por essas e outras razões, precisou-se trabalhar muito mais com

o esquecimento do que com a memória. Segundo Baumgarten (2000), o romance histórico desempenhou importante papel na construção das nacionalidades/identidades que almejavam se afirmar pela diferença. O Romance Histórico Brasileiro percorreu dois caminhos, ainda segundo este autor. De um lado, situam-se as narrativas que focalizam acontecimentos integrantes da história oficial e, por vezes, definidoras da própria constituição física das fronteiras brasileiras. De outro, aquelas que promovem a revisão do percurso desenvolvido pela história literária nacional.

Para Hutcheon (1991), uma análise mais elaborada dá conta de que grande parte da ficção produzida, principalmente a partir da década de oitenta, incorpora, em maior ou menor grau, verdades da história social e política em seus enredos. Ao se enveredar pelas malhas da ficção histórica, é preciso ponderar que esta, por não assegurar compromissos mais sérios com a verdade histórica, pode conter as armas mais comprometedoras no que tange à denúncia e ao combate dos mais sérios problemas sociais.

Ao dar a voz a Kehinde, Ana Maria Gonçalves traz à tona o primeiro indício do que pretende na elaboração desse discurso, ou seja, a visão histórica deslocada a respeito da escravidão brasileira. Kehinde, a ex-escrava, narra seu testemunho histórico a partir da senzala, não mais da casa-grande. São relatos construídos a partir de um testemunho marginal dos acontecimentos. Sua experiência histórica se desenvolve não no seio da elite, mas à margem dela. A autora preenche os vazios deixados pelo discurso da história oficial, que também serão analisados, ficcionalizando sua própria versão da história. Assemelha-se ao discurso pós-moderno da Metaficção Historiográfica, segundo o qual tanto a História como a ficção são elaborações humanas. A grande característica deste conceito é a de se apropriar de personagens e/ou acontecimentos históricos sob a ordem da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”.

Em seu romance, a autora se apropria das histórias contidas em documentos históricos pesquisados. Utiliza-se dos personagens da Revolução Malê, uma rebelião coordenada por escravos mulçumanos na Bahia, em 1835. “O Domingos era responsável perante o senhorio e tinha alugado o porão para o Manuel Calafate e o Aprígio, que, por sua vez, alugaram o quarto dos fundos para o escravo Belchior, também nagô.” (GONÇALVES, 2010, p. 388). Kehinde participa das reuniões que dão origem à rebelião, assim como Luísa Mahin. Na história da Revolta dos Malês, tem-se o registro dela, que supostamente vem a ser a mãe de Luís Gama. A autora toma a liberdade de preencher os vazios da história destes personagens históricos. Conta como já existiam, desde aquela

época, os festejos soteropolitanos como a festa de Nosso Senhor do Bomfim, a de Nossa Senhora da Conceição da Praia, os festejos de 2 de julho, dentre outros.

Em seu prólogo, Ana Maria Gonçalves simula ter encontrado em Itaparica, terra mitificada por João Ubaldo, o manuscrito com o diário de Kehinde. Este manuscrito teria ficado guardado na Igreja do Sacramento, na Vila de Itaparica, e em uma das arrumações, antes que fosse jogado fora, a faxineira teria ficado para servir de rascunhos para o filho caçula. Este manuscrito servirá como uma espécie de arquivo que trará as lembranças, as memórias, os vestígios, as histórias da época da escravidão, bem como parte da história de Kehinde. Ainda no prólogo, a autora afirma que, por conta do estado desse manuscrito com folhas manchadas ou faltando, irá preencher os vazios e lacunas desta história.

Acredito que poderia assinar este livro como sendo uma história minha, toda inventada — embora algumas partes sejam mesmo, as que estavam ilegíveis ou nas folhas perdidas... (...). Mesmo porque esta pode não ser uma simples história, pode não ser a história de uma anônima, mas sim de uma escrava muito especial, alguém de cuja existência não se tem confirmação, pelo menos até o momento em que escrevo esta introdução. Especula-se que ela pode ser apenas uma lenda, inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou, no caso, em heroínas, que apareciam para salvá-los da condição desumana em que viviam. (GONÇALVES, 2010, p. 16).

Essa prática era bastante comum no século XVIII, nas narrativas históricas literárias. Era comum encontrar autor fingindo ser editor e amigo de alguém que teria deixado algum manuscrito. Ao lançar mão desta prática, a autora aproxima seu romance a dois outros. O primeiro deles é “Don Quixote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes, que afirma que o autor de seu texto é Cide Hamere Benegeli, historiador árabe. O segundo deles, na literatura brasileira contemporânea, o escritor Silviano Santiago também utilizou desta prática, ao fingir que seu livro “Em liberdade” (1981) teria sido escrito por Graciliano Ramos como uma continuação de “Memórias do Cárcere”.

Ao longo da sua narrativa, Kehinde presencia, vivencia e relata vários acontecimentos históricos. Relata como eram capturados os escravos na África, a dureza dos navios negreiros, como era a chegada à cidade do Salvador. Por conta do desgaste físico, os negros passavam uma temporada na Ilha dos Frades, na Baía de Todos os Santos. Narra o sofrimento do escravo, sua luta pela carta de alforria, a criação dos primeiros terreiros de Candomblé, a resiliência, o banzo sofrido pelos negros e que pode ser associado à saudade, à aculturação, ao retorno à África, como veremos a seguir.

"Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar como eles"⁶

⁶ Provérbio Africano

RETOUR, RETORNOS, DÉTOUR, DESVIOS, DESEXÍLIO

O ensaísta antilhano Édouard Glissant utiliza os conceitos de *Détour* e *Rétour* para tentar compreender alguns processos de mobilidades culturais dos negros nas Américas. *Rétour*, ou retorno, significa o retorno, a volta à pátria-mãe. Mas não apenas ao conceito geográfico de pátria e sim a uma matriz cultural. Os negros que chegavam à América Latina sentiam falta de suas pátrias, de suas culturas, e normalmente sentiam o que se costumou chamar de banzo. Muito mais que uma simples saudade. Muitos escravos conseguiram retornar à pátria-mãe. Ao ser capturado, o escravo foi desapropriado da sua cultura, esse retorno seria uma volta a essa cultura, uma volta à origem. “A primeira pulsão de uma população transplantada (...) é o Retorno. O Retorno é uma obsessão do Um: não se deve mudar o ser. Voltar é consagrar a permanência, a não-relação.” (Glissant, 1981, p30).

No romance em questão, Kehinde nasceu na África, foi capturada e escravizada. Ela consegue voltar à sua terra natal. Apesar de não gostar do que vê. Ela demora um tempo para poder se readaptar a essa nova realidade. O que era bastante comum a negros que conseguiam retornar.

A viagem durou vinte e seis dias. Saí de São Salvador a vinte e sete de outubro de um mil oitocentos e quarenta e sete e desembarquei em Uidá a vinte e dois de novembro, no mesmo local de onde tinha partido trinta anos antes. As situações eram distintas, mas o medo era quase igual, medo do que ia acontecer comigo dali em diante. É claro que os motivos também eram diferentes, porque naquela volta eu seria a única responsável pelo meu destino, e na partida tudo dependia daqueles que tinham me capturado. Eu não me lembrava muito bem da África que tinha deixado, portanto, não tinha muitas expectativas em relação ao que encontraria. Ou talvez, na época, tenha pensado isso apenas para me conformar, porque não gostei nada do que vi. (GONÇALVES, 2010, p.731)

Détour ou desvio é a negação da nova condição de vida, da nova cultura com que o negro era obrigado a conviver. É a negação à nova identidade cultural. Kehinde começa a sentir isso quando o navio que a trouxera da sua terra aportou na Ilha dos Frades. “Tive vontade de nascer de novo naquele lugar e ter comigo os amigos de Uidá.”. (GONÇALVES, 2010, p.62). A pequena Kehinde, que viu a morte de sua mãe e irmão e fora capturada com sua avó e sua irmã gêmea, chega ao Brasil só. Ambas morrem durante o trajeto, devido às péssimas condições em que viajavam, e como era de praxe os corpos foram jogados ao mar.

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. Ela tinha dito que seria através do meu nome que meus voduns iam me proteger, e que também era através do meu nome que eu estaria sempre ligada à Taiwo, podendo então ficar com a metade dela na alma que nos pertencia. (GONÇALVES, 2010, p.63)

Kehinde se negou a ter um nome novo. A ter outro batismo. E foi com o nome de batismo africano que ela desembarcou em terras brasileiras. Não aceita o batismo, mas finge ser batizada e finge ter um nome cristão quando lhe for conveniente. É negando esta nova cultura que Kehinde é vendida, vai morar na fazenda, cresce, vira mulher, mãe. Ela mantém essa negação dissimulando e demonstra sua capacidade de resiliência. Resiliência seria a capacidade de estabelecer relação com outra cultura, com outros valores. E é dissimulando que Kehinde aprende a ler e a escrever em português, ao acompanhar a sinhazinha, aproveitando, ao máximo, as lições dadas pelo professor na sala da casa grande. Clandestinamente, ela aprende. Não demonstra interesse. E assim, dissimulando já adulta em Salvador, ela aprende a ler e escrever em inglês, quando fora emprestada ao Consul da Inglaterra. Mais tarde isso lhe custará caro, pois a Sinhá sabe do nível de conhecimento da escrava e dissimuladamente também estipula bem caro o preço da sua carta de alforria e a de seu primeiro filho.

O desexílio vai mostrando que todo deslocamento é conflituoso, em sua origem, e que o reencontro com o país natal, não apenas como espaço físico, mas, sobretudo como conjunto de valores modificado pelo tempo, mostra a natureza das formações de personalidades híbridas. Nesse processo de redimensionamento de duas culturas, a do exílio e a do reencontro, o resultado é uma concepção nova de escritura em convergência com os debates atuais acerca da desestabilização de identidades fixas. (SOARES, 2010)

Mesmo negando a nova cultura no Brasil, Kehinde continua mantendo a sua. Continua cultuando os voduns, sua religião. Ela sempre sente falta de sua terra, de sua família, dos que já morreram. Ela se recusa a se portar como uma branca, usar sapatos, roupas, nome. Mas quando precisa, ela sabe muito bem como se utilizar disso tudo. Quando retorna à Uidá, sua terra natal, ela passa a sentir falta da vida que levava no Brasil, da casa em que morava, do conforto, dos costumes adquiridos. Então, ela resolve construir uma casa nos moldes das casas brasileiras, parecida com a que tinha em Salvador. No fim da vida, chega até a adotar o nome de batismo cristão, Luísa. Batiza, com nome brasileiro, os filhos que teve com o último marido, John, um ex-escravo de origem inglesa. O que ela negou quase a vida toda, durante sua morada no Brasil, ela aceita em sua terra natal. Uma espécie de Détour, agora às avessas. Um desexílio.

“Mesmo o leito seco de um rio ainda guarda o seu nome”⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Maria Gonçalves constrói sua narrativa dialogando com a história, a antropologia e outros romances da literatura, históricos ou não. Flerta com a fronteira entre o real e o imaginário da memória de Kehinde, ou Luísa Andrade da Silva, a Luísa Mahin, heroína da revolta dos Malês. Mas adverte. “Acredito que poderia assinar este livro como sendo uma história minha, toda inventada...” (GONÇALVES, 2010, p. 16).

Para Esteves (2010), os novos romances históricos brasileiros apresentam uma polifonia de estilos e modalidades, baseada, especialmente, na fragmentação dos signos de identidade nacionais, realizada a partir da desconstrução dos valores tradicionais. Segundo Hutcheon (1985), esta é uma das formas mais importantes da moderna auto-reflexibilidade, uma forma de discurso interartístico. E por conta da sua forte carga de plurissignificação, a linguagem dessacraliza as releituras da memória.

Segundo Foucault (2005), o domínio do discurso é poder, mas esse enfrentamento dos discursos dominantes significa o surgimento de novos poderes. Ao dar a voz a uma ex-escrava, a autora emerge o discurso subversivo questionando esses conceitos. Sua trajetória é a trajetória do negro invisível no Brasil. E agora com o poder de narrar sua história, Kehinde passa a ter visibilidade que quase nenhum outro negro conseguiu.

“Uma chama não perde nada ao acender outra chama”⁸

Referências

- ALVES, Alcione A Correa. O Desvio (Détour). In: BERND, Zilá A (org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O novo romance histórico brasileiro**. Via Atlântica, n. 4, out, 2000, p. 168-176.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Magia e Técnica, arte e política. Obras Escolhidas V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERND, Zilá (org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CARDOSO, Oscar Henrique. **Reportagens Especiais – Personalidades Negras**. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=317&btmprimir=SIM Acesso em: 29/08/2011).

⁷ Provérbio Africano

⁸ Provérbio Africano

- CARLOS, Ana Maria, ESTEVES, Antônio R. (Org.). **Ficção e história: leituras de romances contemporâneos**. Assis, SP: Ed. UNESP, 2007
- ESTEVES, Antônio R.. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Representação de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice (2011). **Resiliência como resistência na escrita de Ana Maria Gonçalves**. IN: BOLAÑOS, A.; ROJAS, L.B. (orgs.) *Vocês negras de las Américas; diálogos contemporâneos/Vozes negras das Américas; diálogos contemporâneos*. Rio grande: FURG, p. 275-288.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Kehinde**. In: SOUZA, Lícia Soares de (ORG.) *Dicionário de Personagens Afrobrasileiros*. Salvador: Quarteto Editora, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GLISSANT, Edouard. **Introduction à une poétique du Divers**. Paris: Gallimard, 2006
- GLISSANT, Edouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: RECORD, 2010. 6ª edição.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Tradução: Tereza L. Peres. Lisboa: Edições70, 1985.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2003.
- SOUZA, Lícia Soares de. *Estética do desexílio em Torres e Laferrière*. 2010. Disponível em <http://www.antoniotorres.com.br/Estetica%20do%20desexilio.pdf> . Acesso em 05/06/2011

Resumo: A presente pesquisa visa realizar um estudo das relações entre literatura e história no romance histórico brasileiro contemporâneo *Um defeito de cor* (2010), de Ana Maria Gonçalves. Trata-se da saga de Kehinde, desde a sua infância na África, sua captura e chegada ao Brasil, como escrava, onde aprende a ler e a escrever, empreendendo uma grande busca pelo filho vendido. Nessa busca, Kehinde passa por várias cidades brasileiras até voltar à sua terra natal. A noção de desexílio, preconizada por Mário Benedetti (1984), será utilizada como aporte teórico. Esta experiência de retorno à terra natal tem, como pano de fundo, as lembranças, memórias e referências pessoais e coletivas. É fundamental observar o modo como as vozes do negro e da mulher questionam e reconfiguram os mitos fundacionais brasileiros. Ao dar a voz a uma escrava, a autora realiza uma Metaficção Historiográfica e problematiza os limites entre ficção e realidade, trazendo, para o centro das discussões, diversas temáticas, dentre as quais se destacam: a presença das outras vozes da história, a dos vencidos, a noção de fonte histórica e a parcialidade do sujeito que escreve a narrativa histórica. Linda Hutcheon (1991) servirá de base teórica para a compreensão da Metaficção historiográfica, bem como Walter Benjamin (1993), que articula historicamente o passado e a história não exatamente como aconteceu, mas estabelece um vínculo entre passado e presente em forma de constelação. Assim, *Um defeito de cor* (2010) desafia o leitor a repensar o presente à luz desse redimensionamento do passado. Sob os conceitos de Édouard Glissant de *Déplacement* e *Détour* (1981), mesmo distante, Kehinde não nega suas origens, e volta a sua terra natal. Kehinde busca manter a integridade de sua cultura. Ao se opor às representações oficiais e, muitas vezes, eurocêntricas da história, narrando do ponto de vista dos vencidos, Gonçalves trilha um caminho percorrido por inúmeras narrativas latino-americanas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, história, romance histórico, Metaficção Historiográfica.

Abstract: This research aims to conduct a study of the connexion between literature and history in contemporary Brazilian historical novel *Um defeito de cor* (2010) (*A default color*), by Ana Maria Gonçalves. This is the saga of Kehinde, from his childhood in Africa, her capture and arrival in Brazil as a slave, where she learns to read and writes, undertaking a wide search for her son sold. In this search, Kehinde passes

through several cities in Brazil before returning to her homeland. The notion of “desexílio” advocated by Mario Benedetti (1984) will be used as theoretical support. This experience must return to their homeland as a backdrop memories, memories and personal references and collective. It is important to observe how the voices of black women and the question and reconfigure the foundational myths of Brazil. By giving voice to a slave, she performs a historiographic metafiction and questions the boundaries between fiction and reality, bringing to the forefront of discussions several themes, among which are: the presence of other voices in the history, the vanquished the notion of historical sources and the bias of the guy who writes the historical narrative. Linda Hutcheon (1991) will serve as a theoretical basis for the understanding of historiographic metafiction as well as Walter Benjamin (1993) that articulates what is past history and not exactly how it happened, but it establishes a link between past and present of the constellation. Thus *Um defeito de cor* (2010) (A default color) challenges the reader to rethink the present in light of downsizing of the past. Under the terms of Edouard Glissant *Détour* and *déplacement* (1981), even distant, Kehinde not deny her origins, and returns to her homeland. Kehinde seeks to maintain the integrity of their culture. By opposing the official representation and often Eurocentric history, narrating from the perspective of the vanquished, Gonçalves track a path taken by many Latin American narratives.

Keywords: historical romance, literature, history, historiographic metafiction.

